

Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação – FE



ANA CAROLINA OLIVEIRA RODRIGUES

CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO DA VIDA

Brasília-DF, 5/12/2019

ANA CAROLINA OLIVEIRA RODRIGUES

CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO DA VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a conclusão do curso de Pedagogia e obtenção do grau de Bacharel em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Martins
Lima Pederiva

Brasília-DF 5/12/2019

FICHA CATALOGRÁFICA

RODRIGUES, Ana Carolina Oliveira

CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO DA VIDA
– Brasília, 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília.

Faculdade de Educação, 2019

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva.

1. Educação; 2.Vida; 3. Experiência

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA CAROLINA OLIVEIRA RODRIGUES

CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO DA VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 05/12/2019.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva
Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas/FE/UnB

Prof.^a Me. Sheyla Gomes de Almeida – Examinadora
Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

Prof. José Carlos Aguilera
CRUB/ABRUC

Profa. Me. Maria Aparecida Camarano Martins- Suplente
Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

Sumário

I EPÍGRAFE _____	5
II DEDICATÓRIA _____	7
III AGRADECIMENTOS _____	8
IV RESUMO _____	9
V ABSTRACT _____	10
VI ENSAIO SOBRE A VIDA COMO PROCESSO EDUCATIVO _____	11
VII RETRATOS E RADIOGRAFIAS DE MINHAS REALIDADES _____	13
VIII REFERÊNCIAS _____	36

EPÍGRAFE

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.

Paulo Freire

Quem me dera

Há quem me dera se algum dia eu me juntasse com você

A espera que esse dia ainda há de acontecer

Há quem me dera se por um dia eu pudesse me perder

A deixa que nesse dia eu me perco em você

Vejo a sua imagem refletida nos meus sonhos

Quisera eu realizar o que proponho

Que era ter você bem pertinho de mim

Meu bem

Saiba que nesse mundo somos só dois navegantes

E o pensamento cada vez tá mais distante

Imaginando coisas que não tem mais fim.

Composição de Hugo Akira Campos Akai

Para Bento e Francisco.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Francisco Karuna e Bento Ibrahim, fonte de inspiração, vida e amor.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Marta Oliveira, matriarca, principal responsável por eu ter cursado a graduação em Pedagogia e desde o início, me apoiou no que precisava para seguir com o curso.

Aos meus filhos Francisco Karuna e Bento Ibrahim (anjo meu), sem eles, não saberia dizer a alegria de ter me tornado mãe e por eles consegui vencer tantos desafios que a vida me presenteou, este trabalho é para vocês meus amores.

A toda equipe da Faculdade de Educação, professores, servidores, terceirizados, estagiários, pessoas que fazem parte desse processo e ajudaram de maneira solícita e cordial.

Agradeço em especial às professoras Patrícia Martins Pederiva, Sheyla Gomes de Almeida e ao professor José Carlos Aguilera, educadores e amigos que fiz para vida, acreditaram em meu sonho e tiveram toda paciência em me ouvir e orientar na construção deste trabalho.

A todas as pessoas que passaram ao longo da minha história durante o curso de Pedagogia e me deram a oportunidade de aprender, ensinar e adquirir uma visão sensível e humana sobre a vida.

Resumo

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre as experiências da autora, tendo como pressuposto que a vida apresenta múltiplos processos educativos que nos constituem. Para isso, dialoga com a teoria histórico-cultural, bem como autores que enraízam seu pensamento na ideia de educação como vida.

Palavras-chave. Educação. Vida. Experiência.

Abstract

This essay aims to reflect on the author's experiences, assuming that life has multiple educational processes that constitute us. For this, it dialogues with the historical-cultural theory, as well as authors that root their thought in the idea of education as life.

Keywords. Education. Life. Experience.

Ensaio sobre a vida como processo educativo

O texto que compartilho aqui, conta sobre o que aprendi em minha vida, enquanto momentos que considero como momentos educativos, como educação. Educação é muito mais do que a experiência escolar. É o que acontece no dia a dia, entre dores, alegrias e sofrimentos. É o que aprendemos em meio às relações e em cada momento de nossa existência.

Para Vigotski,

O saber que não passa pela experiência pessoal não é saber. A psicologia exige que os estudantes não aprendam apenas a perceber, mas também a reagir: acima de tudo, educar significa estabelecer novas relações, elaborar novas formas de conduta. (VIGOTSKI, 2003, p.76)

O autor acredita que :

Só a vida educa e, quanto mais amplamente a vida penetrar na escola, tanto mais forte e dinâmico será o processo educativo. O maior pecado da escola foi se fechar e se isolar da vida mediante uma alta cerca. A educação é inconcebível a margem da vida como a combustão sem oxigênio ou a respiração no vácuo. Por isso , o trabalho educativo do pedagogo deve estar sempre vinculado a seu trabalho social, criativo e relacionado a vida. (VIGOTSKI, 2003, p.300-301)

Em geral, os acontecimentos que nos encontramos em nosso cotidiano, passam despercebidos em nossas consciências, mesmo que muitas das vezes, sendo avassaladores, transformando nossas trajetórias de modo dramático.

Assim, acredito que as experiências de cada pessoa podem ser vivenciadas como processos educativos, dentro ou fora da escola. Principalmente quando elas são vivenciadas por uma pedagoga em formação, que estuda sobre as múltiplas formas de relação com a experiência e suas implicações no desenvolvimento humano.

Entendemos que pela Educação o ser humano torna-se plenamente humano, expandindo sua capacidade biológica através da relação que se estabelece na cultura e na história, intermediado pela política, aqui entendida como vivência relacional e democrática dos sujeitos em sociedade. (ALMEIDA; PEDERIVA, 2019, p. 09).

A história que aqui será relatada em forma de ensaio, compartilha lugares de encontro entre a vida e academia, enquanto ambas teciam o modo de ser e estar no mundo. Daí surge a mulher, a filha, a mãe, a companheira, a educadora, a estudante, a pessoa social, e tudo o mais que o ser humano possa ser enquanto os fios dessa teia de vida são tecidos. E é com base nesse modo de pensar, que a vida também é um processo educativo, que compartilho o que tenho aprendido com ela.

Retratos e radiografias de minhas realidades

Meu nome é Ana Carolina, eu tenho 32 anos. Sou mãe do Francisco e do Bento. A educação na vida, para mim, começou, acho, que a partir do meu nascimento, porque, como diz minha mãe, foi um milagre, pois eu nasci com 7 meses de vida depois que ela foi fazer um teste físico para poder entrar no concurso da Polícia Civil.

Desde o meu nascimento, eu soube que a carga da vida, assim como da minha mãe seria diferente, porque a partir dela, eu já pude perceber desde o meu nascimento, o que é ser mulher. Vi como ela teve que sair fora do ambiente familiar para assumir mais um papel social. Além dos cuidados da casa e dos filhos, sair para o trabalho e ter toda responsabilidade financeira e as demais demandas da vida.

Nós ensinamos as garotas a se encolherem, a se fazerem menores, nós dizemos as garotas: “você deve ter ambição, mas não demais”. você deve visar ser bem sucedida, mas não tão bem sucedida, caso contrário você vai ameaçar o homem.”[...] Porque eu sou mulher e é esperado que eu almeje o casamento, é esperado que eu faça minhas escolhas da minha vida sempre mantendo em mente que casamento é o mais importante. [...] Nós ensinamos as garotas a não serem seres sexuais do jeito que os garotos são. Nós as fazemos sentir como se, por terem nascido mulheres, elas devem ser culpadas de alguma coisa. Elas crescem para serem mulheres que devem ser silenciadas. (CHIMAMANDA NGOZI ADICHE, apud VIANA, 2016)

Morávamos em Luziânia. A minha infância foi rica no sentido de estar perto da minha família, de poder brincar na rua, subir em árvores e comer uma manga embaixo do

pé. Luziânia é uma cidade do interior do Goiás. Convivi muito com os meus primos e com a minha família, isso era comum. Só que, ao mesmo tempo, foi uma infância em que eu vi a minha mãe assumir todas essas responsabilidades familiares enquanto também vivia uma situação de um relacionamento abusivo com meu pai. O meu pai é alcoólatra. Então, toda minha infância foi baseada numa infância entre ser criança e viver crescendo em um ambiente violento e eu acredito que muitas crianças vivem assim.

Escolas baseadas em um sistema tradicional e que apesar de existir legislações de segurança e educação para as crianças e adolescentes, consolidados no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), definirem direitos, cuidados e atenções específicas, muitas das escolas, ainda não realizam o acolhimento ou reconhecimento de questões, como as que enfrentei na minha infância no ambiente familiar, que se constituem de diferentes dos padrões.

“Quando pensamos na instituição escolar, de modo geral, vem a ideia de uma escola com um padrão já definido: quatro paredes, várias carteiras enfileiradas, um quadro negro e a figura do professor e de alunos, em relações que acontecem de modo vertical, autoritário, inflexível, impositivo, etc.” (SOUZA; REZENDE, 2016, p. 79).

Era assim que a escola era percebida por mim. E nas escolas que a gente convive, o sistema tradicional não permite esse acolhimento de crianças, principalmente às diferentes do padrão. Como acolher, como acompanhar uma criança com esse tipo de infância com outras crianças? Qual seria a tarefa da educação perante essa situação? Maria Aparecida Camarano Martins reflete sobre essa situação no contexto educativo:

Por que, apesar dos avanços de uma legislação que as determina, enquanto crianças e adolescentes, prioridade absoluta, ainda hoje, o nosso olhar parece indiferenciado, inviabilizando-as e objetivando uma situação de distanciamento entre o direito instituído por meio de legislações vigentes e as práticas estabelecidas no contexto educativo, campo de pesquisa no nosso objeto? Por se constituírem sujeitos históricos de direitos, será preciso, mesmo que brevemente, nos determos nesse percurso e dele emergir as crianças em situação de risco pessoal e vulnerabilidade social. Quem são essas crianças? De onde elas vêm? Como se comportam? Como são vistas pelos profissionais de Educação? E elas próprias como se veem? (no prelo)

Crescer nessa infância foi um pouco complicado, no sentido de **ver a escola como uma maneira de sair disso, dessa situação de opressão**. Na verdade, a escola era só um espaço utilitário para minha mãe poder me deixar em segurança e para ir trabalhar.

Desta forma, a escola por meio de processos padronizados e uniformizados, contribui com a disseminação de sentidos equivocados das dimensões de valorações, seja das pessoas, das “coisas”, das relações sociais, do meio ambiente, etc. (ALMEIDA; PEDERIVA, pág 33).

Passada essa situação na infância que eu vivi, apesar disso aqui, esta era a minha infância. Ela teve sempre uma ligação com a pedagogia, com o ensino ou educação porque eu brincava com os meus primos menores de professora. Eu era a professora e talvez essa ligação com o curso veio também desde a infância. Para Vigotski (2009), é na brincadeira que a criança vivencia os papéis sociais, passando, assim a compreendê-los.

Quando eu cheguei no ensino médio, eu me vi na mesma história da minha mãe, de ter que conciliar a educação com trabalho, por causa da situação que a gente vivia. Trabalhava para ter um retorno financeiro, que valia muito mais, naquele momento, do que estar na academia. Dependendo da pessoa então, trabalha-se desde o ensino médio. Isso é muito bom porque fornece muitos valores, né? Acho que são valores sociais e como eles são definidos.

Devemos levar em consideração que a educação sempre e em todas as partes teve um caráter classista, ainda que seus defensores e apóstolos não se dessem conta disso. O que acontece é que, na sociedade humana, a educação é uma função social totalmente determinada, que sempre se orienta em prol dos interesses da classe dominante, e a liberdade e independência do pequeno meio educativo artificial com relação ao grande meio social, na verdade, uma liberdade e uma independência muito relativas e condicionais, convencionais, dentro de estreitas fronteiras e limites. (VIGOTSKI, 2001, pág.80)

Para Ellen Dantas (2019):

O sistema impõe um caráter classista sobre a educação, fortalecendo a ideia que não passa de uma mercadoria, nos fazendo ignorar a natureza processual no qual ela se constitui, não passamos de depósitos de conteúdo, corpos inconscientes que são maltratados pelo sistema, pela educação e por si mesmo, nos cabe memorizar os conteúdos e reproduzir, em moldes pré determinados que contemple um padrão estabelecido, o que foge disso é imoral, os corpos fora do

cabresto são mortos, os sonhadores massacrados pela realidade cruel. O que nos resta? O QUE NOS RESTA?

A ideia de entrar para a Universidade de Brasília foi vista com olhos tortos por meu pai, porque no ambiente em que eu cresci, questionava-se: “acadêmica, uma mulher?” Eu fui uma das poucas mulheres que entraram para a universidade pública, eu não sabia nem o que era o PAS no ensino médio, fui descobrir isso no terceiro ano da Escola Estadual que estudava.

Trabalhar era mais importante. Eu lembro que meu pai falou para mim assim: Eu não tenho dinheiro para pagar os estudos, se não passar no vestibular. Você vai ter que trabalhar. Então, eu tinha que estudar, tenho que passar nesse negócio de vestibular para continuar estudando. E a gente vê os jovens agora com essa política. Eu não acreditava que eu ia para Universidade porque eu não estava ali naquele meio privilegiado. Queria ir para além do contexto social em que eu morava.

Diante do contexto que enfrentamos socialmente na atualidade, se faz necessário esclarecer que, levantam-se essas questões, não para denegrir ou condenar a educação e escola que temos, mas para instigar reflexões críticas que impulsionem seu desenvolvimento em outros sentidos. E entende-se que não só este âmbito deve fazer essas reflexões, mas todos os setores e instituições sociais precisam realizar essa reflexão, afinal, apesar de historicamente, terem nos induzido por meio de ideias burguesas dominadoras, a crer que somos movidos pela meritocracia, somos todos frutos de um projeto e sistema de sociedade, que impulsiona um estado de ser cultural que intencionalmente coloca

à margem das decisões e do acesso à direitos, a grande maioria da população. Por isso, a urgência de reflexões e ações críticas sobre o fazer educação, sobretudo, em relação ao desenvolvimento e à função social da educação pública, de forma a ressoar o pensamento de importantes pensadores modernos da educação no Brasil, como Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Maria Nilde Mascellani, Miguel Arroyo, entre outros. (ALMEIDA, Sheyla, 2019, no prelo)

Foram quatro anos de cursinho, conciliando estudos e trabalho, até eu conseguir entrar para universidade. Em princípio, a escolha não foi pedagogia, por conta daquela aquela velha posição social do curso como algo mento, e o que você pode conseguir com ele. Primeiramente eu tentei história e também tentei serviço social. Eu decidi fazer pedagogia por questão prática, de empregabilidade.

Entrei para a Universidade de Brasília no ano de 2010 e foi uma sensação de autonomia e de autoestima muito grande. Eu consegui, estudei e entrei para a universidade, mas, ao mesmo tempo foi um processo difícil no âmbito familiar. Porque, de fato, minha mãe não conseguia sair da relação com meu pai, ficava presa num relacionamento abusivo e, mesmo ela sendo uma policial civil, ela não saia dele. Um dos episódios da vida mais marcante para minha mãe e para mim. Foi quando meu pai descobriu onde a gente morava e chegou armado para poder matá-la.

Os efeitos que aquilo ia ter nas nossas vidas seria trágico. A educação da vida me ensinou que naquele momento eu deveria sair daquela situação. Fui morar com a minha irmã aqui em Brasília e minha mãe foi para outra cidade para continuar a viver em paz.

A universidade, por sua vez, me mostrou a porta da diversidade, um contexto diferente do modelo opaco que vivi enquanto ensino fundamental e médio, mostrou realmente o que eu acreditava existir em um ambiente de educação. Um encontro de pessoas com diferentes visões, agregando um ao outro com essas ideias com seus gostos e diversos autores. As referências bibliográficas que eu trago, são os professores que eu conheci, os discursos que me transformaram como ser humano e eu acho que a gente sempre pode mais.

Como é difícil lutar como um indivíduo na sociedade ante cada pressão. É uma luta por condições sociais em que as pessoas possam se ajudar a romper esse círculo.

Fiz a matéria de sociologia da Educação e sociedade e assim conheci li Ivan Illich, cujas ideias fazem parte do que eu sou hoje. Então, é por isso que eu afirmo que cada autor que li foram pessoas que transformaram minha vida por meio de professores, dentro desse ambiente, essa panela de pressão social.

E aí, veio essa troca de pessoas de trocas de saberes, veio a ideia do “Brasil aberto”, aí eu vou falar um pouco da parte dos projetos que pude participar ao longo do curso. O primeiro projeto foi de um coletivo de meninas que se encontravam em espaços dentro da universidade para troca de saberes e coisas diversas, também para cada uma poder apresentar o seu trabalho e isso agregou muito à minha vida, no sentido de conhecer pessoas de cursos diferentes e de apresentar esses trabalhos de outros alunos e de conhecer pessoas.

Essa troca é muito interessante dentro da Universidade. Isso, posteriormente, veio a ser uma ideia que virou o “ESCAMBAÚ” na UnB, que foi um evento que aconteceu na universidade, algo a gente queria muito, mas o projeto não continuou.

Dentro desse universo de possibilidades que a UnB proporciona eu participei de muitas matérias de outros cursos e com isso me aproximar das Ciências Ambientais e dos cursos de educação, mais voltadas para a área ambiental. Eu participei de uma matéria que me fez conhecer a Cidade Estrutural e o lixão de Brasília. Muitos estudantes conheceram aquele universo. É universo que a gente não vive, mas a gente convive.

Qual o nosso papel na universidade? Como a gente pode devolver o que recebemos para a sociedade que talvez não tenha acesso? E esse momento eu encontrei o pai do meu filho, e assim nasceu o meu filho Francisco. E, o que é ser mãe dentro de uma universidade de curso de pedagogia?

Uma gestante no curso de pedagogia...vivi outra educação, que veio para eu me entregar como mãe em todos os sentidos, com as matérias de educação que me auxiliaram nesses processos de compreensão da educação de uma criança. Estudei linguagem materna, o desenvolvimento de criança dos 0 aos 5 anos, entre outras disciplinas. Eu aprendi um universo de possibilidades na própria vida, pois, tudo que eu aprendia, aplicava em minha vida fora da academia, como mãe e em meus outros papéis sociais. Consegui muitas formas de estimular meu filho de uma maneira que ele pudesse se desenvolver plenamente.

Usamos muito a parte acadêmica como mãe e, na prática foi uma maneira de fazer, aprender e ensinar. Com 9 meses, Francisco já andava. Ele era um bebê com muita habilidade motora, pois eu fazia muita estimulação com ele. Vi as múltiplas potencialidades do ser humano e o que nós podemos ser. Destaco um trecho da publicação *Sociedades sem Escolas* (2018):

A maior parte da aprendizagem ocorre casualmente e, mesmo a maior parte da aprendizagem intencional não é resultado de uma instrução programada. As crianças normais aprendem sua primeira língua casualmente, ainda que mais rapidamente quando seus pais se interessam. (*Sociedade sem Escolas*, 2018, pág 40).

Participei, como aprendizado da vida, do projeto “Sonho de Liberdade”, que é uma organização sem fins lucrativos e que se dedica a reciclagem de madeira descartada. Essa cooperativa fica localizada na Cidade Estrutural, aqui no DF. O grupo é formado por egressos do sistema penitenciário da Papuda, em Brasília e tem como objetivo criar oportunidades para essas pessoas que são historicamente marginalizados e excluídos por preconceitos. A ideia original do projeto era levar uma biblioteca e uma sala de informática para o espaço que eles trabalham.

Num primeiro momento, a gente fazia atividades com as crianças, porque muitas vivem lá junto com a comunidade. Tudo é realizado de modo coletivo. A comunidade morando perto do lugar de reciclagem. Então, as crianças desse lugar faziam as atividades das escolas conosco, e foi aí que eu conheci a Sônia Marise umas das primeiras professoras que marcou minha vida dentro da Universidade. Ela acreditou em muitas coisas, muitas ideias, que eu idealizava e me ajudou com projeto do Brechó Aberto, com essa visão também que eu como Universitária poderia fazer pelo coletivo, como eu

poderia dar o que eu recebi aqui. Assim conheci também a Pedagogia Social que transformou o meu jeito de pensar sobre a educação e a vida.

Assim, a Pedagogia Social suscita a reflexão e ação junto aos excluídos, respeitando e validando suas histórias pessoais de subsistência e sobrevivência como representações que denunciam a crueldade da realidade social, tendo em vista a sua promoção político-social.” (GRACIANI, pág 21)

A maternidade exige o agregar tarefas, além de ser mulher. A gente é mãe, a gente é dona de casa a gente trabalha e além de tudo se dedica a vida acadêmica. A universidade também não perfeita para nós mulheres, não é como eu, mãe no curso de pedagogia, como se fosse pedagogia dos poucos. Essas mulheres que trazem seus filhos, são outros discursos, não tão possível, é quase um obstáculo. Como projetar uma ideia de uma creche ou de um espaço que agrega essas mães? Essa foi uma das dores dentro da Faculdade de Educação, que no final, o ideal seria um espaço para nós mulheres.

Para alguns, a maternidade ainda é uma característica única e exclusivamente imbuída na mulher, via única de realização pessoal, papel que cabe somente a mulher exigindo atenção total por parte dela, e que ela se anule socialmente para cuidar dos filhos e viver somente para esse fim (VIANA, Catherine, 2016, p. 17)

Podemos estudar e nos dedicarmos à vida acadêmica e ao filho. E a maternidade também me veio com a realidade de conciliar a vida acadêmica com a vida do trabalho. Então, eu acabei trabalhando durante 6 anos numa delegacia de polícia em confronto com

todas as ideias que eu acredito, que eu estudava dentro da Universidade. Eu vi uma realidade e trabalhava nessa outra realidade totalmente contra, e isso me gerou alguns conflitos dentro de trabalho, mas, ao mesmo tempo que eu trabalhava dentro da delegacia, fazia um trabalho ex-presidiários. Em todos os espaços eu exercitava o papel de educadora.

Um período difícil na vida acadêmica, foi quando o pai do meu filho, após dois meses de seu nascimento, foi atropelado voltando do trabalho de bicicleta. Nós trabalhávamos na Biblioteca da UnB. Então, após esse episódio e do nascimento do meu primeiro filho, eu parei de estudar para cuidar da família. Vi como a hora de, como mulher, parar um pouco para me dedicar à família para poder cuidar do coletivo. Mas, também me vi presa a um relacionamento difícil, um possível ciclo que a minha mãe viveu, foi uma fase de muitos conflitos, porque lidar com a realidade de um relacionamento abusivo quando se tem filhos, quando se tem que criar um filho e trabalhar com pessoas que não têm esse acesso a uma estrutura melhor é realmente difícil. Debilita a sua saúde emocional. É um sistema que te faz viver assim, na correria, na busca pelo dinheiro, pela manutenção daquele ambiente que você vive, que é dividido por muitas pessoas e dentro desse relacionamento, nessa confusão.

Mas via na universidade, a possibilidade de sair dessa confusão e assim conheci e participei de outro projeto, o Comboio Percussivo, que é um projeto de educação musical. A ideia era levar a educação musical, levar a música da oralidade dos encontros, das rodas, não só ensinar música, mas, o respeito às tradições dos grupos musicais, dos vários tipos de percussão, das diferentes expressões que existem. A ideia do Comboio e sua função social são lindas. Faz com que você acredite em sua musicalidade, sem nunca ter

tocado, é muito horizontal. Isso é um objetivo constante do grupo, fazer com que todos toquem, independente do seu nível de experiência educativa. O poder de fazer e acreditar que todo mundo é capaz de aprender alguma coisa... é só você levar ...só você acreditar que isso é possível.

Partindo da concepção de que a arte é uma atividade humana e acessível a todos, rompemos com os mitos que a permeiam, de que ela é inatingível para a grande parte da humanidade, limitando-se aos poucos “gênios” que possuem um “dom” inato. com essa concepção, o ser humano é visto como um ser de possibilidades, capaz de aprender qualquer coisa, desde que se criem condições para que isso aconteça “ (eu fico com a pureza da resposta das crianças (MARTINEZ; PEDERIVA, 2014, pÁg 82)

O Comboio Percussivo tocou em toda a cidade, seu objetivo é acessar os espaços através da percussão assim, volto de novo ao encontro com a Cidade Estrutural. Nesse momento, conheci o projeto Coletivo da Cidade que é um espaço de atendimento a crianças e adolescentes no contraturno escolar e oferece atividades artísticas e educativas como meio de transformação social. lá também é um espaço de convivência comunitária e capacitação profissional para os moradores que ali vivem. E a gente fazia oficina de percussão e, depois das oficinas, fazíamos rodas de conversa sobre outros temas como o movimento negro, sobre violência, violência doméstica, tudo através da música. Foi um projeto bem agregador de valores que eu acreditava. Eu levava meu filho Francisco, que conheceu vários ambientes por lá.

E aí veio o meu segundo filho Bento. Eu engravidei de novo em meio ao fazer música. Entrei para Escola de Música de Brasília. Eu fiz percussão e coral. Trata-se da capacidade de você acreditar que você pode entrar, que você passar por um uma formalização padrão de um nível de um teste, por exemplo. É uma realização.

Bento, meu segundo filho, era uma criança especial. Foi uma gestação tranquila, mas, com três meses de vida, veio o diagnóstico que ele nascera com microcefalia e assim percebi que Bento era uma criança diferente, mais do que seu irmão Francisco. A Educação da vida me veio para conhecer o universo da educação especial na prática.

A educação especial é uma modalidade de ensino destinada a educandos com deficiências no campo da aprendizagem, originadas quer de deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, quer de características como altas habilidades, superdotação ou talentos. Ela é o ramo da Educação que se ocupa do atendimento e da educação de pessoas com deficiência em instituições especializadas, tais como escolas para surdos, escolas para cegos ou escolas para atender pessoas com deficiência intelectual. (MENDONÇA, pág 02, 2015)

Começo a rotina de ser uma mãe conciliando além da sua vida familiar, dos filhos, do seu trabalho, da sua vida acadêmica, do filho especial e aí conhecer também a rotina de uma educação que está nesse contexto. Como é o processo pedagógico dessas crianças, em meio à ideia de normatização da vida, existem pessoas fora do padrão de fora daquela caixinha. Como agregar todo mundo e seguir junto nesse universo de educação especial. Bento, além da microcefalia, era surdo e cego. A vida dele foi diferente. Os seus olhos e seus ouvidos eram o seu corpo.

O mundo da educação especial me deu a esperança de acreditar que meu filho ia se desenvolver, apesar de suas limitações, a partir dos estudos que via na universidade. Percebi como existe desenvolvimento para qualquer tipo de ser humano, mesmo se você é cego, surdo, mudo, pois há diferentes tipos de comunicação e desenvolvimento.

Na Universidade de Brasília, conheci também a Educação de Jovens e Adultos na EJA, o Professor Renato Hilário e o livro da Constituição do ser humano, a história de Paranoá que aprimora minha educação da vida. Porque eu moro no Jardim Botânico e o Paranoá é uma cidade administrativa que alimenta o Jardim Botânico socialmente, então, conhecer a história dessa cidade e saber da luta dela para sua existência fez ver meu papel como universitária e o que eu poderia fazer socialmente. Reconhecer outros padrões locais, econômicos ou sociais diferentes do que você vive é sair da sua zona de conforto.

Conheci a casa de Paulo Freire idealizada e mantida pelo professor Elias e sua esposa e fica localizada em São Sebastião, outra cidade administrativa do D.F que também alimenta socialmente o Jardim Botânico. Lá, ministram-se aulas para jovens e adultos e tive a oportunidade de trabalhar com eles, durante um período, com a didática freireana. Na prática, por causa do método da proposta pedagógica que trabalha com o universo daquelas pessoas, que foram privadas do direito de ingressar na Escola no período convencional, mas são pessoas de saberes constituídos por suas experiências, vi a capacidade do ser humano de querer mudar de querer aprender. Isso me encantava como ser humano.

Mas foi nesse contexto, um período de extrema dedicação ao meu segundo filho que isso aconteceu e o momento que Bento começou a piorar e ter crises convulsivas eu percebi que o que estava vivendo seria mais grave do que imaginava. Foi outro momento de minha vida que dediquei e abri mão da minha existência para a existência e qualidade de vida para meu filho. Bento foi um bebê maravilhoso. Apesar dele nascer com microcefalia ele era lindo, lindo, era um anjo na terra.

Fisicamente, ele não aparentava ser uma criança especial. Então, era difícil para algumas pessoas identificarem que ele tinha alguma coisa. Eu sempre acreditei que ele viveria que ele ia se desenvolver, até o momento que eu percebi que talvez a vida me traria mais um desafio no processo de educação da vida.

Os últimos meses de vida de Bento, a dedicação foi integral no sentido da gente morar praticamente dentro do hospital. Lá, auxiliei na educação de outras crianças que estavam internadas ali e assim veio o universo da Educação Hospitalar. Como sair daquela rotina que é tão preta e branca de um hospital para uma criança? Eu fazia roda de conversas com as crianças, o que não era permitido. Eu burlava as normas para que Bento convivesse com outras crianças ali.

A hospitalização representa uma ameaça que atinge o ser humano de forma muito profunda e geralmente vem acompanhada pelo sentimento de medo e angústia, particularmente para crianças e jovens que percebem o hospital como ambiente de sofrimento e dor, o que pode ser reforçado pelos procedimentos invasivos a que quase sempre são submetidos durante o tratamento. O atendimento pedagógico/educacional contextual busca oferecer a essas crianças e

jovens situações práticas de envolvimento que, além de permitirem que continuem aprendendo e se desenvolvendo no hospital, possibilita amenizar a dor causada pelos procedimentos médicos necessários, pela carência afetiva marcada pela separação da família e dos amigos e pela quebra da sua rotina de vida. (SOUZA, pág. 03, 2016)

Recebi a notícia que o Bento iria falecer, independente do que eu fizesse, independente do que eu acreditasse. Tudo se tornou sem sentido, uma educação sem sentido. Acredito que a maior educação da vida que eu tive como ser humano, foi o deixar ele morrer, ficar longe dele, eu acho que a maior prova de amor de uma mãe para o filho. Eu deixei ir embora em paz. Inclusive, a morte dele foi uma benção na sua plenitude e bondade, pois ele não me deixou ver a sua morte.

Eu entendi porque eu não podia estar ali naquele momento, apesar de não ter visto a morte dele, eu fui a protagonista da vida dele, talvez essa seja a prova de caminhada. E aí como é voltar para a vida depois disso...por isso acho que EDUCAÇÃO É VIDA.

Nada fazia muito sentido na vida, foi um período bem sombrio onde não fazia sentido existir, mas, ao mesmo tempo a vida é tão maravilhosa que ela nos faz voltar à sua rotina. Volto ao trabalho, volto ao cuidados integrais com meu outro filho, o Francisco.

Acordar, levantar fazer qualquer coisa dentro desse período de depressão. É uma doença...acho que foi uma “jogada de pano branco no chão”, como se eu dissesse: chega! Eu não quero mais fazer nada. Só que a vida chama você para seguir. Voltei para a universidade e com as matérias Ensino de História e Educação e Educação em Geografia,

junto com as professoras Renísia Garcia e a Cristina Leite, aprendi sobre a valorização do lugar, da memória sobre a importância da história das pessoas. Segundo FÉLIX (1998, P. 35), a memória é um dos suportes necessários para a definição dos laços de identidade, e assim fui me levantando, me reconstruindo diante do que a Educação da vida tinha feito em mim.

Iniciei um trabalho também no Paranoá, fazendo uma pesquisa da história da cidade. E com esses acontecimentos, saí aos poucos da depressão. Voltei ao trabalho através das pessoas que conheci ao longo da universidade e reforcei o laço de encontro com amigos que realmente me trouxeram de volta à vida fazer, dando a ela um pouco de sentido. Me senti cuidada e isso também é educação.

Acabei voltando a trabalhar em uma creche chamada Sementes do Cerrado que é de uma aluna também aqui da Universidade de Pedagogia. Lá conheci o universo das creches parentais, onde percebi que o que eu acreditava em toda a minha vida acontece em outros espaços. E nesse contexto me encontro com a professora Maria Alexandra, que me ensinou o que eu acredito sobre a escola transformadora na escola pública.

Conheci a Comunidade de Aprendizagem do Paranoá, uma escola pública que apresenta uma metodologia diferente do que existe, vi nesse espaço uma nova maneira em conceber a educação na prática. A CAP vai de encontro a um modelo educativo fora do convencional das escolas públicas que temos conhecimento. As salas de ensino não são em formatos por carteiras enfileiradas de frente para um quadro negro. Lá a faixa etária não é a condição para formar turmas, mas sim grupos que são construídos através dos interesses dos próprios alunos e por meio dos temas que os estudantes tenham

interesse criam-se projetos, oficinas de estudos e roteiros proporcionando o protagonismo dos estudantes que ali estão e agregando a participação das famílias e da comunidade nos espaços educativos. No livro COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM DO PARANOÁ – CAP - Projeto de Inovação Educacional - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA CLASSE COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM DO PARANOÁ (2018), destaco: A Comunidade de Aprendizagem do Paranoá percebe que os valores e conceitos trabalhados na educação infantil precisam continuar a ser desenvolvidos ao longo do tempo que decorrerá e em todas as fases da criança. Considerando que o currículo em movimento do ensino fundamental anos iniciais ressalta que a proposta pedagógica seja integradora, interdisciplinar e contextualizada, assim reconhecendo a participação ativas dos(as) estudantes e comunidade nos processos de aprendizagem”.

Eu sempre pensei como pessoa, que ser humano que eu formaria como educadora, aqui para onde eu ia, para onde eu vou levar isso que eu aprendi com essa Educação aprendida enraizadamente na vida que eu tenho até hoje na minha história de resistência e de superação. A educação da vida me faz transmitir tudo o que eu vivi, tudo que eu sou. Com o Francisco eu vejo muito sentido nisso. Posso ensinar música para ele porque eu aprendi, ensaiar o coral de natal da escola, porque tenho conhecimento em canto, ou fazer um avião de papel, porque a gente viu juntos um tutorial no YouTube... ele queria fazer avião de papel e foi o presente que ele me deu hoje.... Isso é ser mãe-educadora e educadora-mãe. Hoje, eu trabalho em um restaurante porque eu amo atender, falar com pessoas e ouvir o que elas têm para dizer. A escuta é educativa. É para onde eu levo a educação, para o meu dia a dia, justamente para o papel social que tenho em meu trabalho. Porque na verdade é sempre uma relação de troca. A EDUCAÇÃO QUE APRENDI NA VIDA É A EDUCAÇÃO QUE LEVO COMIGO.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sheyla, Gomes de. **Culturas educativas humanizadoras** para outras culturas sociais. Tese de Doutorado. Brasília, No Prelo.

DANTAS, Ellen. **Intempéries de um TCC em crise**. UnB. Brasília, 2019. No Prelo.

FÉLIX, Leiva, Otero. História e memória. A problemática da pesquisa. Passo Fundo, 1998. Ediupf.

MARTINS, Maria, Aparecida, Camarano. **Vivências das Infâncias: Crianças de ontem e de hoje em situação de acolhimento institucional (in)visibilizadas no contexto de educação escolar**. Brasília, Tese de Doutorado, No Prelo.

VIANA, Catherine Alessa Maria de Novaes. **Educação e maternidade: minha experiência como estudante-mãe no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília**. TCC. Brasília, 2016 35 pp

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia Pedagógica: Edição comentada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 2003

_____. **Imaginação e Criação na Infância**. Ática, 2009